

O Comportamento Humano em Busca de um Sentido

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães
(Organizador)**

O Comportamento Humano em Busca de um Sentido

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães
(Organizador)**

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C737	O comportamento humano em busca de um sentido [recurso eletrônico] / Organizador Vinicius Oliveira Seabra Guimarães. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019 Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-861-8 DOI 10.22533/at.ed.618192312 1. Comportamento humano. 2. Filosofia. 3. Sociologia. I. Guimarães, Vinicius Oliveira Seabra. CDD 170
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “O Comportamento Humano em Busca de um Sentido” é especialmente diversa e complexa, assim como o ser humano o é. Então, os textos apresentam inúmeras facetas da condição e da situação humana, desvelando as vulnerabilidades, as inquietações, as tormentas e os dramas que se estabelecem na formação da identidade humana. A partir desses distintivos, os autores e autoras apontam para caminhos diversos acerca da compreensão dos sentidos da vida e sinalizam para a importância das teias de relações sociais que, impreterivelmente, tornam o ser humano um sujeito coletivo.

Os textos versam acerca do adoecimento humano, dos transtornos sociais, da crise existencial, da construção da moralidade, da formação humana, da condição psíquica e da transformação social. Nesse sentido, os capítulos trafegam pelos campos da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia, focando em geral nas Ciências da Saúde como plataforma de análise. O entendimento geral é que o ser humano permanece inconcluso, interminável e indecifrável. Contudo, apesar de tamanha complexidade inerente ao ser humano, é possível tatear algumas perspectivas e aferir algumas conclusões, ainda que provisórias, acerca dos sentidos atribuídos ao comportamento humano, e foi exatamente isso que os autores e autoras se propuseram fazer nessa obra.

Os capítulos remetem as realidades de várias regiões do Brasil, perpassando os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, e Rio Grande do Sul; também apresenta uma colaboração internacional de Buenos Aires, Argentina. As pesquisas foram desenvolvidas por professores e estudantes vinculados com a Faculdade de Tecnologia e Ciências – unidade Jequié/BA, Fundação Oswaldo Cruz, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Estácio de Sá, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Tiradentes e com a Universidade John F. Kennedy (Argentina). Nesse viés, compreende-se que essa diversidade acadêmica contribui para um olhar múltiplo, transdisciplinar e empático ao comportamento humano no cenário atual.

O percurso proposto inicia com uma discussão filosófica acerca da moral em Immanuel Kant. Depois se discute a questão da musicalidade como processo terapêutico. Posteriormente, entra-se no campo da inclusão social de crianças e adolescentes com doenças crônicas. Em seguida repousa-se o olhar sobre a formação infantil no espaço social imagético dos desenhos animados. Logo depois, parte-se para uma aproximação teórica entre Zygmunt Bauman e a crise existencial de estudantes universitários. No mesmo trajeto, em seguida, se analisa o consumo de drogas e o comportamento sexual de jovens na modernidade. Posteriormente, repousa-se a análise na convivência hospitalar como cenário de ressignificação e humanismo das práticas hospitalares dando ênfase a cultura de orientação ao erro e ao aperfeiçoamento da

comunicação. E, por fim, faz-se um relato acerca das possibilidades de transformação social e da integração acadêmica desenvolvida por uma universidade comunitária. Então, por ser diverso, complexo e instigante, convidamos a todos para ler e reler essa obra que apresenta perspectivas acerca do comportamento humano e suas insistentes buscas por sentidos.

Vinicius Oliveira Seabra Guimarães

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BOA VONTADE E O BOM MORAL NA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA MORALIDADE DE IMMANUEL KANT	
Renata Cristina Lopes Andrade Alonso Bezerra de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.6181923121	
CAPÍTULO 2	12
MÚSICA NOS PROCESSOS TERAPÊUTICOS E/ OU REABILITACIONAIS: ANÁLISE DE SEUS PRINCÍPIOS, PRÁTICAS E BENEFÍCIOS	
Bárbara de Souza Bim Maria Clara Sales de Medeiros Souza Suellen Justina de Freitas Nadir da Glória Hagiara-Cervellini	
DOI 10.22533/at.ed.6181923122	
CAPÍTULO 3	26
A INCLUSÃO SOCIAL E FAMILIAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS NO BRASIL	
Davi Augusto dos Santos Soares Tayanne de Araujo Lobão	
DOI 10.22533/at.ed.6181923123	
CAPÍTULO 4	32
O OLHAR INFANTIL SOBRE RELAÇÕES E PAPÉIS DE GÊNERO A PARTIR DO DESENHO ANIMADO	
Viviane Ferracini Papis Plínio de Almeida Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.6181923124	
CAPÍTULO 5	45
CRISE EXISTENCIAL E O SENTIDO DA VIDA NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DE NÍVEL SUPERIOR	
Beatriz Nascimento Andrade Moura Juliane dos Santos Almeida Luane Seixas Pereira Cunha Larissa de Oliveira Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6181923125	
CAPÍTULO 6	57
EFEITO BACO: UM OLHAR SOBRE A BUSCA PELO PRAZER ATRAVÉS DO CONSUMO DE DROGAS E COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS EM RAVES	
Liliane Botelho Antunes Menezes Norma Cristina Cardoso Brandão Julio Cesar Rodrigues Alberto Rodriguez Blanco Maria Cristina Rodrigues Guilam	
DOI 10.22533/at.ed.6181923126	

CAPÍTULO 7	69
CULTURA DE ORIENTAÇÃO AO ERRO: EXPLORANDO PERCEPÇÕES NA ATENÇÃO BÁSICA DA SAÚDE	
Norma Cristina Cardoso Brandão	
Liliane Botelho Antunes Menezes	
Mirna Miguel Passos	
Roberto Senini	
DOI 10.22533/at.ed.6181923127	
CAPÍTULO 8	79
DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL QUE FACILITE A CONVIVÊNCIA E A COMUNICAÇÃO EM ENFERMARIA PEDIÁTRICA	
Ana Laura Schliemann	
Ludmylla Cursi Razza	
Michele Amorim da Silva	
Paula Prado Lima	
Tâmisa Pires Catão	
DOI 10.22533/at.ed.6181923128	
CAPÍTULO 9	90
PROJETO RONDON: OPERAÇÃO ENCANTOS DO VALE NO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ E VALE EUROPEU-SC, NA PERSPECTIVA DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA	
Rafael Amaral Oliveira	
Fernanda Guglielmi Faustini Sônego	
Giovana Vito Mondardo	
DOI 10.22533/at.ed.6181923129	
SOBRE O ORGANIZADOR	93
ÍNDICE REMISSIVO	94

MÚSICA NOS PROCESSOS TERAPÊUTICOS E/ OU REABILITACIONAIS: ANÁLISE DE SEUS PRINCÍPIOS, PRÁTICAS E BENEFÍCIOS

Bárbara de Souza Bim

Graduanda em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.
São Paulo - SP

Maria Clara Sales de Medeiros Souza

Graduanda em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.
São Paulo - SP

Suellen Justina de Freitas

Graduanda em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.
São Paulo - SP

Nadir da Glória Haguiera-Cervellini

Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC- SP. São Paulo - SP

RESUMO: A música sempre esteve presente na vida do ser humano, atuando e gerando efeitos terapêuticos sobre a mesma. Esta pesquisa analisa estudos sobre a eficácia do tratamento com música sobre o processo terapêutico de sujeitos deficientes visuais, auditivos, com depressão e com transtorno do espectro do autismo. A análise foi realizada segundo Bardin (2011) e 4 categorias de estudo foram estabelecidas. Os resultados evidenciaram que a música proporciona melhora significativa na comunicação dos sujeitos, principalmente com *Transtorno do Espectro Autista*; promove autoconhecimento e bem-estar para *deficientes visuais e auditivos*; diminui os sintomas de

pacientes com *depressão*; e proporciona a melhora da qualidade de vida de todos os públicos estudados nesta pesquisa. Os trabalhos analisados apontam a música como ferramenta poderosa de desenvolvimento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Música, cego, surdo, depressão, transtorno do espectro autista

MUSIC IN THERAPEUTIC AND / OR REHABILITATIVE PROCESSES: ANALYSIS OF ITS PRINCIPLES, PRACTICES AND BENEFITS

ABSTRACT: Music has always been present in the human being's life, acting and generating therapeutic effects on it. This research analyzes studies on music treatment's efficacy on therapeutic process of visually impaired, hearing, depressed and autistic spectrum disorder subjects. The analysis was performed according to Bardin (2011) and 4 study categories were established. The results showed that music provides significant improvement in communication of subjects, especially with autistic spectrum disorder; promotes self-awareness and well-being for the visually and hearing impaired; decreases the symptoms of patients with depression; and provides the improvement of the life quality of all publics studied in this research. The works analyzed point to music as a powerful tool for

human development.

KEYWORDS: music, blind, deaf, depression, autistic spectrum disorder.

1 | INTRODUÇÃO

A música sempre esteve presente na vida do homem, desde os seus primórdios, fazendo parte integrante e de forma relevante de sua existência - nos momentos e nas situações de alegria ou tristeza, dor ou saúde, paz ou guerra, presentificando-se nas situações festivas, guerreiras, fúnebres, religiosas e mágicas. (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003).

No período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, essa relação Homem-música passou a ser estudada em forma de ciência, adentrando em diversos campos de atuação, principalmente na área da saúde, onde pesquisas médicas e hospitalares deram início à ciência que hoje se entende por musicoterapia (LEINING, 1977).

A ação da música na saúde, entretanto, não se limita somente a prática musicoterápica, e seu uso científico tem sido estudado por diversos autores a serem discutidos neste artigo. Quando se cria musicalmente, aspectos cognitivos, culturais, corporais e afetivos, são experienciados, e tais ações desdobram-se para o campo do cotidiano, escoando para aspectos outros da vida dos participantes. É nesse sentido que se propõe pensar a potencialização dos sujeitos, como o aumento das possibilidades criativas de existência, mediados pelo fazer musical. (ARNDT; CUNHA; VOLPI, 2016).

A fim de demarcar os limites desta pesquisa, uma vez que o âmbito da saúde é muito extenso, optou-se pela escolha de estudar o uso da música a partir de algumas condições específicas a serem agora apresentadas.

1.1 Depressão

O **transtorno depressivo** é uma classe de vários transtornos que incluem a presença de humor triste, vazio ou irritável acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo. O que difere entre eles são aspectos de duração, momento ou etiologia presumida. (DSM-5, 2013)

Dentre estes transtornos, pode-se citar o depressivo maior, transtorno depressivo persistente (distímia), transtorno disruptivo da desregulação do humor, entre outros. Do ponto de vista clínico os transtornos depressivos não necessariamente precisam da medicação como via de tratamento. Nas depressões leves e moderadas a psicoterapia, ou terapias alternativas se mostram extremamente eficazes (FLECK, 2009).

1.2 Transtorno do Espectro Autista

A caracterização de sujeito portador do ***Transtorno do Espectro Autista*** – TEA - se dá, fundamentalmente, a partir dos déficits que este apresenta, sendo os principais:

padrão repetitivo, estereotipado e restrito de comportamentos, interesses e/ou atividades e prejuízos na interação e comunicação (American Psychiatric Association [APA], 2013). Grande parte dos indivíduos diagnosticados com autismo não faz contato visual e sente-se incomodado com o contato corporal, além de apresentar problemas na linguagem verbal e não verbal, utilizando-se então de gestos para suprir a comunicação (MENEZES; AMORIN, 2015).

As pessoas com tal transtorno mostram uma relação intensa com a música, considerando o aspecto não-verbal da música como principal motivo engajador. Tanto a música instrumental quanto as canções são ótimos instrumentos para o estudo das emoções, além de estimular a atenção conjunta, a memória, controle de impulso, planejamento, execução e controle de ações motoras (SAMPAIO *et al.*, 2015).

1.3 Deficiência Visual

A deficiência visual é definida como a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão. O nível de acuidade visual pode variar, determinando dois grupos de deficientes: cegos - com perda total da visão e baixa visão; ou visão subnormal – caracterizada pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2010), estima-se que 6,5 milhões de brasileiros possuem deficiência visual e 29 milhões possuem alguma dificuldade para enxergar.

1.4 Deficiência Auditiva

O mesmo ocorre com os deficientes auditivos, também conhecidos como hipoacúsicos ou surdos, sendo caracterizados como indivíduos que possuem a perda parcial ou total de audição, podendo ser de nascença ou causada posteriormente por doenças e outras complicações. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2010), aproximadamente 9,7 milhões de brasileiros possuem alguma deficiência auditiva.

Dessa forma, buscou-se levantar e analisar estudos que pudessem relatar a eficácia ou não do processo terapêutico e/ou de reabilitação, através de tratamentos com música. Descobrir como a musicalidade dos seres pode influenciar no processo terapêutico de pacientes com depressão; beneficiar deficientes auditivos e visuais; e auxiliar sujeitos que desenvolveram transtornos do espectro autista, explicitando seus princípios e práticas clínicas.

2 | METODOLOGIA

Foi realizada revisão bibliográfica sobre o uso científico da música nos processos terapêuticos e/ou reabilitacionais, em produções científicas que diziam respeito: ao tratamento de transtornos depressivos, portadores de cegueira e surdez e sujeitos com transtornos do espectro autista.

Os dados foram coletados nas seguintes categorias de produções científicas: artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais, dissertações de mestrado,

teses de doutorado, filmes, documentários e livros.

Efetou-se então o cruzamento dos dados levantados e a análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), elegendo-se a modalidade de análise por categorias. A análise categorial implica em uma operação em que se classificam elementos constitutivos de um conjunto dado, analisando-os e reagrupando-os por analogia. O critério de categorização, nesta pesquisa, deu-se por categorias temáticas, encontradas nas produções científicas analisadas, tais como: comunicação e linguagem, contribuições da família, diminuição de sintomas, e qualidade de vida.

3 | DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1 CATEGORIA I – Comunicação e linguagem

A categoria I refere-se ao processo de comunicação e desenvolvimento e aperfeiçoamento da linguagem verbal e não verbal dos sujeitos. Foram encontradas formas de comunicação musical, verbal, não verbal, dentre outras.

Haguiara-Cervellini (2003), afirma que a música é uma forma de comunicação que carrega a possibilidade de viver, sentir e expressar emoções, sendo fundamental ao ser humano, incluindo o *deficiente auditivo*. Em sua tese de doutorado, cita sua dissertação de mestrado (1983, apud HAGUIARA- CERVELLINI, 1999, p. 30), cuja pesquisa consistiu na observação de crianças *deficientes auditivas* em relação com a música. Conclui que independente do grau de sua perda auditiva, elas são sensíveis à música. Durante a pesquisa as vivências musicais eram propiciadas de modo que elas pudessem experienciá-las livre e espontaneamente. “*Dessa forma elas aprenderam a ouvir a música por si mesmas, mostrando suas possibilidades diante das potencialidades que a música lhes oferecia*”.

A autora afirma que a vivência da música possibilita a canalização de estados conflituosos e de disputa para o toque de instrumentos musicais e para a dança. “Frequentemente, os conflitos surgidos durante a sessão foram resolvidos em torno de um instrumento musical, como o bumbo, ou o címbalo, por exemplo, onde as divergências e as emoções se explicitavam através de diálogos sonoros; ou através da dança e da expressão corporal. Essas situações resultaram em momentos de compartilhar, cooperar e comunicar-se.” (HAGUIARA-CERVELLINI, 1999, p. 31).

A comunicação/linguagem no indivíduo *autista* é um dos aspectos em que este apresenta dificuldades, sendo inclusive, critério para tal diagnóstico (American Psychiatric Association, 2013). Os indivíduos apresentam o desenvolvimento da linguagem prejudicado, chegando a casos em que a fala é inexistente, além da utilização da ecolalia por alguns indivíduos (BROWN, ELDER, 2014 apud FRANZOI *et al.*, 2016).

Fernandes (2015) pontua em seu trabalho que a musicoterapia tem como fundamento possibilitar canais de comunicação em indivíduos com *TEA*. Segundo

Verga (2017), em seu vídeo sobre autismo e música, a musicoterapia tem como objetivo principal promover a linguagem, a abertura de canais de comunicação, utilizar a música com esses indivíduos para engajá-los e lhes fornecer um meio através do qual possam se expressar.

No trabalho de Azevedo (2012) com um indivíduo *autista*, a comunicação foi interpretada como um indicador de interação social - objetivo da pesquisa. Logo, pode-se dizer que o foco não era especificamente a melhorada comunicação ou linguagem do indivíduo, mas, a autora conclui que, com o passar das sessões, o sujeito em questão passou a mostrar-se musicalmente mais comunicativo, demonstrando facilidade na execução técnica de instrumentos musicais adquirida com o decorrer das sessões, o que mostra que, embora o foco da intervenção não tenha sido tal, ele também influenciou neste aspecto.

Freire (2014), em seu trabalho com crianças *autistas*, utiliza a musicoterapia improvisacional, que consiste em utilizar a improvisação musical nos quatro campos musicais: audição, recriação, improvisação e composição (BRUSCIA, 2000 apud FREIRE, 2014). Além disso, nas sessões, há uma preocupação do musicoterapeuta em utilizar os instrumentos musicais e também a voz de forma lúdica e que estimule, entre outras áreas, a comunicação. No estudo, obteve-se como resultado uma correlação positiva entre o aumento da comunicabilidade musical e uma melhora na fala, corroborando o fato informado por Wan e Schlaung (2010 apud FREIRE, 2014) de que há ativação cerebral das áreas relacionadas à fala quando se escuta e se executa música, e desse modo, um dos benefícios trazidos pela música é o de promover conexões entre essas áreas cerebrais, o que poderia melhorar as habilidades comunicacionais de indivíduos com *TEA*.

Penn (1962) nos mostra em seu filme “O Milagre de Anne Sullivan”, a história real de Helen Keller, uma menina de sete anos de idade que acabou ficando *surda e cega* antes mesmo de completar dois anos de idade. Depois de muito esforço, carinho, e dedicação, foi possível fazer com que a menina se comunicasse com o mundo e as pessoas ao seu redor. Sua professora, Anne Sullivan, queria desenvolver em Helen a linguagem. Inicialmente, precisou recorrer ao extremo, tendo que conviver isoladamente com a menina, para que Helen pudesse aprender o novo método de comunicação, em que o tato propiciaria a percepção do Alfabeto manual e da língua de sinais. Este estímulo da comunicação através do tato proposto por Anne incentivou sua aluna a estabelecer o elo entre ela e o mundo, fazendo-a compreender a relação entre as palavras e seus significados.

Ao se pensar em metodologia e alternativas de ensino e estimulação da linguagem, observamos que, da bibliografia levantada, os estudos de Massaro & Deliberato (2013 apud RODRIGUEZ *et al.*, 2015) e Vasquez, (2011 apud RODRIGUEZ *et al.*, 2015) apontam que a música associada à uma terapia fonoaudiológica, estimulação auditiva e musicoterapia, de forma sistemática e, aplicada com crianças na etapa pré-escolar, torna-se um elemento estimulador e condutor de novas aprendizagens,

como: aumento de gestos indicativos, comportamentos comunicativos intencionais, linguagem expressiva e receptiva, propiciando, também, o desenvolvimento da sua atenção.

Já no trabalho de Franzoi *et al.* (2016) com crianças *autistas* foi bastante clara a ênfase da intervenção em estimular a linguagem. A ecolalia emitida pelas crianças, nessa intervenção, foi utilizada como um meio para ampliar o repertório da criança, utilizando-se “rimas, gestos, timbres, ritmos diferentes e elaboração de histórias cantadas relacionada à repetição verbal” (PRESTES, 2008 apud FRANZOI *et al.*, 2016), o que influenciou também a interação das crianças.

Hathenher *et al.*, (2012) afirmam o fato de que, a criança com surdez pode desenvolver habilidades para a música, o que a auxilia no processo de desenvolvimento da comunicação oral. Para a aprendizagem auditiva, a educação musical dessas crianças é feita com o uso de aparelhos de amplificação sonora (AASI). As vibrações sonoras captadas através do tato também são importantes para que percebam os sons da fala. Os exercícios com o corpo auxiliam a percepção auditiva, propiciando a aquisição linguística.

O entendimento de que a musicoterapia seria uma “porta de entrada para o mundo do autista” foi o pilar para o estudo de Herdy e Carmo (2016). Nas sessões, a musicoterapeuta buscava utilizar instrumentos musicais, miniaturas de animais, desenhos e gestos corporais, sempre buscando colocar o contexto musical na realidade, mostrando que, ainda há comunicação mesmo sem o uso da linguagem verbal (PRESTES, 2008 apud HERDY; CARMO, 2016). Como resultado, os sujeitos passaram a iniciar a conversação, a esperar a sua vez de falar, a solicitar e nomear objetos, a realizar vocalizações articuladas com ênfase da língua e a fazer relatos do momento imediato e também de eventos passados.

Na monografia de Ferreira (2011), realizada no curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, o autor afirma que já existem muitas escolas trabalhando com a música. A prática musical é obtida nessas escolas através de aulas que preconizam a experimentação do som, fazendo com que cada aluno seja parte integrante da composição musical. No caso de alunos com deficiência auditiva, as sensações e as novas maneiras do fazer musical são realizadas através do sentir das notas vibrando, do tocar de instrumentos de percussão e da percepção de cada frequência, demonstrando que cada aluno é capaz de expressar-se de maneira mais eficaz usando a música como meio de comunicação e expressão dos sentimentos. Foi possível verificar que existe uma melhora significativa no desenvolvimento da linguagem oral e gestual dos alunos. (FERREIRA,2011).

Melo (2011) afirma que a música assume um papel não apenas de auxílio terapêutico ou de experiências lúdicas, mas sim o de um componente curricular que pode contribuir para a formação dos sujeitos. Dessa perspectiva, Granja (2006, p.103 apud MELO, 2011) nos diz que “a música é uma linguagem que permite a expressão singular dos valores e dos sentimentos de cada pessoa, de cada grupo social”. O

estudo investigou a participação de um aluno cego da turma do curso de Licenciatura em Música, que perdeu a visão aos 33 anos. Ele teve que aprender o sistema Braille e se adaptar a atual situação, assim como enfrentar o seu primeiro e principal problema da graduação na disciplina Linguagem e Estruturação Musical, defrontando-se com a não acessibilidade física da matéria.

Com essa realidade, muito do aprendizado musical das pessoas com *deficiência visual* se dá a partir da: autoaprendizagem e da musicografia braile. No entanto, o aluno teve um dos seus direitos fundamentais feridos, pois a acessibilidade garante a comunicação e a informação a todos os deficientes, diferentemente do que presenciou em tal matéria.

Na pesquisa de Oliveira e Carvalho (2005), com *deficientes visuais*, foram realizadas atividades que objetivavam desenvolver e trabalhar aspectos como a memória auditiva e a estimulação da escuta por meio de discriminação de sons e músicas. A partir das atividades propostas, os integrantes demonstraram uma melhora na autoestima, na comunicação, na participação, no desenvolvimento das atividades, no pensamento crítico, enfim, no desenvolvimento global.

Paredes (2012), em seu estudo sobre indivíduos com *transtorno do espectro do autismo* pontua que a musicoterapia é um dispositivo eficaz quando se trata de fornecer um modo de expressão para o indivíduo autista, pois no estudo a musicoterapia promoveu a linguagem do tipo não-verbal entre os indivíduos.

Já em Sá (2007), observamos o debate acerca das propostas de educação musical para os surdos e da garantia da real consideração da cultura surda, através da implementação de estratégias de identificação num processo sócio- histórico autêntico, não comandado, no ensino da música. Nesse sentido, a autora discorre sobre a resistência em se usar educacionalmente a língua natural dos surdos, a Língua de Sinais Brasileira. A discussão passa pelo questionamento do uso de uma língua anti-natural quando se tem uma língua natural disponível.

Petrovisky, Cacchione e George (2015), concluem, sobre a intervenção musical nos sintomas de *depressão* em idosos com demência, que a musicoterapia é de extrema importância para a manutenção da comunicação e socialização deles, uma vez que o avanço da doença inibe o sujeito de várias formas. A intervenção musical estimula nesses idosos a comunicação não verbal, um substituto para a comunicação verbal perdida com o avanço da demência.

Erkkila *et al.* (2011), estudaram sujeitos com *depressão* leve e moderada a partir da intervenção com improvisação musical livre e puderam concluir que a musicoterapia possibilita expressões não verbais significativas, mesmo em situações onde o cliente não é capaz de expressar verbalmente suas experiências internas. Para alguns pacientes, as experiências não verbais da terapia os levaram a ter *insights* sobre aspectos de sua psicopatologia, como questões da infância, traumas e emoções simbolicamente associadas aos sintomas da depressão.

Conclui-se então que a música em si, assim como as atividades que envolvem

sons e ritmos, e as terapias propriamente ditas, são importantes ferramentas potencializadoras do desenvolver da comunicação e da linguagem, seja ela qual for.

3.2 CATEGORIA II – Contribuições da família

Na categoria II buscou-se analisar de que forma a família interfere na relação dos sujeitos com a música. Foi possível realizar os cruzamentos referentes às implicações da música em sujeitos deficientes visuais e auditivos.

Na pesquisa de Ferreira (2011), sobre o uso da música com *deficientes auditivos*, foi realizada a aplicação do questionário ao professor de música. Este atribui à família a valorização das atividades musicais desenvolvidas pela escola, uma vez que os pais percebem modificações significativas no desenvolvimento social, afetivo e intelectual do filho. O autor afirma que a parceria entre a escola e a família constitui um pilar importante na sustentação do processo de inclusão no meio musical, pois o estímulo que os alunos recebem em casa reflete positivamente na eficácia dos trabalhos desenvolvidos na escola.

Ochronowicz (2009) nos conta em seu filme “Sou surda e não sabia” a história de Sandrine, uma criança aparentemente “normal” que aos poucos vai descobrindo ser surda. Essa descoberta altera totalmente a sua relação com o mundo à sua volta e principalmente a sua relação com a família. Sandrine conta que sentiu que seus pais ficaram “diferentes” após saberem que ela era surda. A menina não entendia o que havia feito de errado para que eles a tratassem friamente, mas sentia que colocavam seu problema muito maior do que era na realidade. Como ela não escutava, não sabia o sentido que tinha o ouvir.

Sá (2007) alerta para a questão da razão pela qual os pais devem apresentar a música às crianças com *deficiência auditiva*. Estrutura as seguintes perguntas: “Por que querem que o surdo aprenda música? Por que a Educação Musical faz parte de um currículo para *surdos*?” (SÁ, 2007, p. 7) e alega que se as razões para este aprendizado não ficarem muito claras para os professores, para os pais, e, principalmente, para os surdos, continuaremos assistindo a uma resistência dos surdos para com tudo o que diz respeito à música, o que poderá ser uma pena, pois o conhecimento musical pode ser utilizado em prol do desenvolvimento dos *surdos* em inúmeras áreas.

Na revisão narrativa de literatura, realizada por Rodriguez *et al*, (2015), cita-se Oliveira (2013). Os resultados da pesquisa apontam para a questão da ausência da iniciação musical nas escolas, destacando, então, a importância do incentivo da família e da comunidade, além do engajamento do próprio aluno com *deficiência visual*, nos processos de formação musical.

Na pesquisa de Oliveira e Reily (2014), pôde-se observar que os depoimentos dos entrevistados ressaltaram a importância do apoio familiar para o desenvolvimento musical, que se inicia na infância do *cego* e perdura no decorrer da vida do sujeito, em seus estudos formais ou informais da música.

Conclui-se que a família é um importante pilar na construção e inserção do sujeito no ambiente musical, assim como sua permanência na mesma, propiciando muitos ganhos no que se refere ao seu poder terapêutico e reabilitacional.

3.3 CATEGORIA III – Diminuição desintomas

A categoria VIII limita-se somente aos artigos pesquisados do subtema depressão. Percebe-se que os artigos em que a categoria é encontrada utilizam-se da musicoterapia como base de pesquisa, ou supõem a música como terapêutica, sem fundamentação teórica específica. No estudo de Erkkilä *et al* (2011), por exemplo, o processo terapêutico presente nas sessões de musicoterapia torna-se mais compreensível na medida em que ocorre a análise dos sujeitos da pesquisa:

Para alguns clientes, as experiências não verbais da terapia os levaram a ter *insights* sobre aspectos de sua psicopatologia, como questões da infância, traumas e emoções simbolicamente associadas aos sintomas da depressão. O processo em si foi entendido, por muitos dos clientes, como catártico, pois uma propriedade única da musicoterapia é o fato de ela propor uma terapia ativa por parte, também, do paciente, e esta parece ser uma dimensão significativa para lidar com as questões associadas à depressão. (ERKKILÄ, *et al*, 2011. Tradução das pesquisadoras).

Segundo o DSM V (2013), os critérios de diagnósticos da doença são amplos e seus sintomas caracterizam um grande espectro, podendo-se destacar o humor deprimido, perda de interesse ou prazer, perda ou ganho excessivo de peso etc. Quando os artigos tratam da diminuição de sintomas - que conseqüentemente aumentam a possibilidade de cura do paciente - entende-se que a música atua em sintomas específicos e pontuais, não generalizados. A melhora do humor é um exemplo: Muszkat (2012) e Areias (2016) apontam que a liberação de neurotoxinas e neurotransmissores, como a serotonina e dopamina, são importantes na manutenção dos dois principais sintomas da psicopatologia - perda de prazer e humor deprimido - uma vez que estão quimicamente relacionados. Segundo os autores, a música estimula a liberação de serotonina no cérebro, melhorando a comunicação entre os neurônios e aumentando o humor do sujeito; já a sensação de prazer é aumentada quando se ouve as músicas chamadas 'prazerosas' que estimulam a liberação de dopamina no cérebro.

As contribuições de base biológica também passam por outro aspecto da depressão. Segundo Verrusio *et al*, (2014), nesta patologia o empobrecimento neuronal em determinadas áreas cerebrais pode ser uma característica agravante e que pode ser evitada com o uso da música, uma vez que a exposição ao som aumenta a neurogênese no hipocampo - onde a perda de neurônios ou regeneração insuficiente é marca dos distúrbios de humor.

Pode-se concluir, portanto, que os resultados encontrados nas pesquisas sobre música, musicoterapia e depressão tendem a apontar a diminuição dos sintomas do

transtorno, sejam os principais ou secundários, bem como a melhora progressiva do paciente.

3.4 CATEGORIA IV – Qualidade de vida

Qualidade de vida pode ser definido como a “percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (BOWLING, BRAZIER, 2000), podendo, portanto, variar de acordo com a cultura da pessoa, e irá variar de pessoa para pessoa, dependendo de seus objetivos e suas expectativas.

Sendo a música uma possibilidade de acesso à comunicação do indivíduo *autista*, esta também pode promover bem-estar ao paciente, buscando neutralizar uma parte dos prejuízos desenvolvimentais que tais indivíduos apresentam (AMBRÓS, 2016 apud HERDY; CARMO, 2016). Ela também se faz como uma atividade cujo objetivo é o próprio indivíduo, e o importante é fazê-lo participar; não há cobrança para que a atividade seja realizada de modo perfeito; a expressão do indivíduo é respeitada do jeito que emergir, a sua ação é valorizada, e assim, através dos sentimentos de realização, o indivíduo desenvolve sua autoestima (VERGA, 2017).

Com idosos institucionalizados, a música serviu como ferramenta para melhorar a relação que tinham consigo mesmos, estimulando o autocuidado e melhorando o bem-estar que sentiam, inclusive fora dos momentos de intervenção (MACENA *et al*, 2016).

A música pode melhorar a qualidade de vida do sujeito na medida em que melhora sua saúde. Areias (2016) defende que, em pacientes com dor crônica, a música pode melhorar sua qualidade de vida e diminuir a sensação de dor, uma vez que os receptores cerebrais da dor enviam sinais para o cérebro e, é possível que a música bloqueie a percepção dolorosa ao atuar nesses receptores e neurotransmissores. O efeito pretendido quando se apresenta música ao doente é essencialmente melhorar o seu humor, alterando o limiar da dor, utilizando a distração e o relaxamento.

Os índices de *depressão* de pacientes que são sujeitos à hemodiálise são elevados em relação à população em geral, e os sintomas depressivos tendem a afetar a qualidade de vida desses indivíduos. Após a intervenção, comparando-se o antes e depois de testes/escalas de depressão e qualidade de vida, não só os índices de qualidade de vida subiram, mas também os de depressão diminuíram, indicando a comorbidade que o autor defende (HAGEMAN, 2015).

A música e a dança podem ser propiciadoras de prazer aos deficientes visuais. Por meio da música, tais indivíduos podem tornar-se melhores versões de si, superando todo e qualquer desafio, lutando pelo seu bem-estar e sua felicidade, além de também poderem se sentir parte do todo (PERALTA, 2016).

Segundo Hagiara-Cervellini (1999) “experiências musicais gratificantes, na infância, podem ser a pedra inaugural para o ser musical do *surdo* e constituir-se em

elemento inestimável para a sua formação, o desenvolvimento de sua sensibilidade e uma vida mais saudável e feliz” (p. 266) Desta forma, a autora registra a importância de se propiciar a música de forma lúdica e prazerosa, para que a criança possa se apropriar dela sem reservas.

Conclui-se que a música é uma importante ferramenta terapêutica ao se considerar a melhora apresentada pelos pacientes nas pesquisas citadas, além de corroborar para a manutenção e constância da saúde dos indivíduos.

4 | CONCLUSÕES

O levantamento e análise dos estudos aqui citados permitem sublinhar questões de relevância. A escassez de produções da área de psicologia deve ser salientada, uma vez que a procedência de boa parte das pesquisas era das áreas de educação, neurociência e musicoterapia. O subtema depressão foi o único que apresentou pesquisas de psicologia, majoritariamente.

Compreendeu-se que a música é uma ferramenta poderosa de desenvolvimento humano, que evidencia potencialidades, auxilia no aprimoramento de funções e atividades diárias, estimula o contato com sentimentos, afetos e emoções. As intervenções oportunizaram bem-estar aos sujeitos que delas participaram. Sentimentos de conforto, segurança, saúde e prazer foram percebidos no âmbito social, psicológico e físico.

A ausência de referências à família ou eventuais citações sobre a importância do aparato familiar junto aos sujeitos com TEA ou com depressão mostrou-se significativa. A categoria “Contribuições da Família” contou apenas com artigos/estudos de deficiência auditiva e visual e concluiu que a família é um importante pilar na construção dos sujeitos no ambiente musical, assim como sua permanência na mesma, propiciando muitos ganhos no que se refere ao seu poder terapêutico e reabilitacional.

No que se refere ao subtema depressão, a música mostrou-se contribuinte para a melhora do paciente, diminuindo os sintomas da patologia utilizando-se de mecanismos como a viabilização de contato social, o resgate de sentimentos positivos, a ativação do prazer biológico e a melhora na qualidade de vida do sujeito.

Já em relação ao subtema Transtorno do Espectro do Autismo, a música mostrou-se como elemento fundamental no tratamento, beneficiando os indivíduos em diversos graus e diversas áreas, como habilidades sociais e comunicação, promovendo melhoras em áreas que comumente encontram-se mais prejudicadas.

No caso dos subtemas relacionados a deficiência visual e deficiência auditiva, observou-se que existe muita literatura que discute a maneira e o momento no qual ocorre o contato dos deficientes com a música. Foram encontradas pesquisas referentes aos processos de ensino e aprendizagem da música e assim, foi possível analisar as implicações que esta acarreta aos alunos, tais como: ampliação de habilidades sociais, comunicação e linguagem, bem-estar e autoconhecimento. Nota-

se que existe um déficit de pesquisa e investimento na área da psicologia a respeito da música como ferramenta terapêutica para o público que possui tais deficiências (visual e/ou auditiva).

A partir desses achados, é recomendável que o tema seja estudado por estudantes/profissionais da psicologia, dada a importância do conteúdo para esta área de conhecimento. Dando continuidade a esta pesquisa, sugere-se a possibilidade de pesquisas de campo voltadas para o uso da música na prática terapêutica, visto seu grande poder reabilitacional.

REFERÊNCIAS

AREIAS, José Carlos. **A música, a saúde e o bem estar**. Nascer e Crescer, Porto, v. 25, n. 1, p. 7-10, mar.2016. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087207542016000100001&lng=pt&nrm=is>. acessos em 06 nov.2017.

ARNDT, Andressa Dias; CUNHA, Rosemyriam; VOLPI, Sheila. **ASPECTOS DA PRÁTICA MUSICOTERAPÊUTICA: CONTEXTO SOCIAL E COMUNITÁRIO EM PERSPECTIVA**. Psicol. Soc., Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 387-395, ago. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p387>.

AUTISMO E MÚSICA: **Intervenções e tratamento musicoterápico** - Aula 4, apresentado por Bruno Verga. 26 set. 2017. (13 . min. 07 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NLhsH-MaX6U>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

AZEVEDO, Juliana Janela. **A Aplicação da Musicoterapia numa criança com Espectro do Autismo: Estudo de Caso**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012.

BARDIN, Laurance. **Análise de conteúdo**. Brasil: Edições 70, 2011. 280 p.

Bowling A, Brazier J. **Quality of life in social science and medicine Introduction**. Soc Sci Med 1995; 41:1337-8.

DSM-IV-TRTM - **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. trad. Cláudia Dornelles; - 4.ed. rev. - Porto Alegre: Artmed,2002.

ERKKILA, J. et al. **Individual music therapy for depression: randomised controlled trial**. The British Journal Of Psychiatry, [s.l.], v. 199, n. 2, p.132 139, 7 abr. 2011. Royal College of Psychiatrists. <http://dx.doi.org/10.1192/bjp.bp.110.085431>

FERNANDES, Francisco. Dicionário Brasileiro Globo. São Paulo: Editora Globo, 1984. FERNANDES, Patrícia Raquel da Silva. **Sons e Silêncios: a Importância da Musicoterapia em Indivíduos com Perturbação do Espectro do Autismo**. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 2, n. 3, p.18-38, junho, 2015.

FERREIRA, Paulo Roberto Pereira. **A música como fator de inclusão para alunos com deficiência auditiva**. 2011. 65 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, Uab/unb - Pólo da Ceilândia, Brasília, 2011.

FLECK, Marcelo P. et al. **Revisão das diretrizes da Associação Médica Brasileira para o tratamento da depressão** (Versão integral). Revista Brasileira de Psiquiatria, Porto Alegre, v. 31, n. 01, p.7-17, jan. 2009.

FRANZOI, Mariana André Honorato et al. **Intervenção Musical Como Estratégia De Cuidado De Enfermagem A Crianças Com Transtorno Do Espectro Do Autismo Em Um Centro De Atenção Psicossocial**. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 25, n. 1, e1020015, 2016.

FREIRE, Marina Horta. **Efeitos da Musicoterapia Improvisacional no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo**. 2014. 75f. Dissertação (Mestrado em Neurociências) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

HAGEMAN, Paula de Marchi Scarpin. **O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e nos sintomas depressivos do paciente em hemodiálise**. 2015. 115 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123948>>

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **A musicalidade do surdo: representação e estigma**. São Paulo: Plexus, 2003.

HAGUIARA-CERVELLINI, Nadir. **Representação do surdo enquanto ser musical**. 1999. 275 f. Tese (Doutorado) – Pós Graduação em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, 1999.

HATHENHER et al. **A música como meio e processo de aprendizagem na construção do conhecimento do aluno surdo**. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR, 4., 2012, Uberlândia. V Seminário Nacional de Educação Especial. Uberlândia: Cepae, 2012. p. 1 - 22.

HERDY, Alessandra Moreira; CARMO, Carolina de Freitas do. **Os Efeitos Da Musicoterapia Em Pacientes Portadores Do Transtorno Do Espectro Autista**. Reinpec, [s.l.], v. 2, n. 2, p.283-301, 22 dez. 2016. Faculdade Redentor.

HOFFMANN, Thiago dos Reis. **A Atuação dos “Músicos do Elo” em um Centro de Hemodiálise: Uma Experiência Humanizadora que Melhora a Qualidade de Vida e Sintomas de Depressão**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sorocaba, 2014. Disponível em: <http://www.musicos-doelo.org/sites/default/files/PUC_Dissertacao_Thiago_Hoffmann_4.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

MACENA, Vanessa Dantas de et al. **A Utilização Da Musicoterapia No Tratamento Da Depressão Em Idosos Institucionalizados**. In: Congresso Nacional De Envelhecimento Humano, 1., 2016, Natal: Realize, 2016. v. 1, p. 1 - 6.

MELO, Isaac Samir Cortez de. **Um estudante cego no curso de licenciatura em música da UFRN: questões de acessibilidade curricular e física**. 2011. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MENEZES, Luiza Campos; AMORIM, Katia de Souza. **PARA ALÉM DOS DÉFICITS: INTERAÇÃO E ATENÇÃO CONJUNTA EM CRIANÇAS COM AUTISMO**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 20, n. 3, p.353-364, jul ./ set . 2015.

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama y Sociodrama. 2. ed. Buenos Aires: Ediciones Hormé, S.a.e., 1977. 253 p.

MUSZKAT, Mauro. **Música, neurociência e desenvolvimento humano**. In: GISELE JORDÃO (Org.). A música na Escola. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 67-69

OLIVEIRA, Alessandra dos Santos; CARVALHO, Laura de. **Deficiência visual: mais sensível que um olhar**. Colloquium Humanarum, São Paulo, v. 3, n. 2, p.27- 38, dez. 2005.

OLIVEIRA, Leonardo Augusto Cardoso de; REILY, Lucia Helena. **Relatos de músicos cegos: subsídios para o ensino de música para alunos com deficiência visual**. Revista brasileira de

educação especial, Marília, v. 20, n. 3, p 405-420 Sept. 2014. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382014000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Feb. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382014000300007>.

Organização Mundial da Saúde. **Censo de surdos no Brasil 2010**. Disponível em: <<http://angelalibras.blogspot.com/p/censo-de-surdos-no-brasil.html>>. Acesso em: 02 maio 2018.

Organização Mundial da Saúde. **Sobre deficiência visual no Brasil**. 2010. Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/a-fundacao/deficienciavisual/estatisticas-da-deficiencia-visual/>>. Acesso em: 02 maio 2018.

O MILAGRE de Anne Sullivan. Direção de Arthur Penn. Usa: Tbc, 1962. (107 min.), P&B.

PAREDES, Sonia dos Santos Gonçalves. **O Papel da Musicoterapia no Desenvolvimento Cognitivo nas Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo**. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012.

RODRIGUEZ et al. **A música e a pessoa com deficiência**: uma revisão narrativa da literatura. Revista Música e Linguagem. Vitória/ES. Vol.1, nº4 (Agosto/2015), p.37-51.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Os Surdos, a Música e a Educação**, 2007. Texto [on line] publicado no Espaço Universitário de Estudos Surdos. Disponível em: <http://www.eusurdo.ufba.br/>. Acesso em 26 nov.2017.

SAMPAIO, R. T. et al. **A Musicoterapia e o Transtorno do Espectro do Autismo**: uma abordagem informada pelas neurociências para a prática clínica. Per Musi. Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170.
SOU surda e não sabia. Direção de Igor Ochronowicz. França: Le Mag, 2009. (70 min.), P&B.

VERRUSIO, Walter et al. **Exercise training and music therapy in elderly with depressive syndrome**: A pilot study. Complementary Therapies In Medicine,, Rome, v. 22, n. 4, p.614-620, jun. 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

Vinicius Oliveira Seabra Guimarães: Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás) - linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2016); Pós-Graduado em Docência Superior pela Faculdade Grande Fortaleza (FGF - 2011); Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Gama Filho (UGF - 2010); Pós-Graduado em Estudo da Bíblia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH - 2006); Graduado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2007); Licenciando em Sociologia pela Universidade Anhanguera (UNIDERP); Licenciando em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (UNIFACVEST); Desde 2004 atua como professor em Instituições de Ensino Superior: Faculdades OBJETIVO, FAP, FABEC, ICG, UNIEVANGÉLICA, FASUG, CGESP, UNIP, FAC MAIS, IUESO, FAC LIONS, Fundação Bradesco, SETAL, FACULDADE KURIOS, FATEID, SEPEGO, ETIC, SPRBC, SEID, IBCAF, STBIEG e STEBB; Desde 2015 atua como professor de cursos de Pós-Graduações: IPOG, FAI, Fac Delta e FAIFA; Possui vários livros e artigos científicos publicados na área de educação, juventudes, pobreza, sociologia e teologia. Atualmente, participa dos seguintes grupos de pesquisa/estudos: JUVENTUDE E EDUCAÇÃO, vinculado a Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás); OBSERVATÓRIO JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE, vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG); e, NÚCLEO DE ESTUDOS DE RELIGIÃO CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, vinculado a vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG). E, participa do seguinte projeto de pesquisa vinculado a Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica De Goiás (EFPH/PUC Goiás): DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO: JUVENTUDES, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoecimento 5, 29, 30, 45, 50, 54, 79, 80, 81, 87
Androginia 41
Aprendizagem social 33, 69

B

Binarismo 36, 41

C

Cartoon Network 32, 34
Cidadania 90, 91
Comportamento de risco 57, 71
Comportamento sexual 5, 7, 57, 68
Convivência Hospitalar 5, 80
Cooperativismo 91
Corpo generificado 41
Crise existencial 5, 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54
Cultura de orientação do erro 69, 74, 77
Cultura do erro 69
Cultura infantil 32, 36, 40

D

Deficiência visual 14, 18, 19, 22, 24, 25
Deficientes auditivos 14, 19
Depressão 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 45, 46, 50, 51, 55
Desenho animado 7, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43
Desenvolvimento humano 12, 17, 22, 23, 24, 92
Desenvolvimento infantil 32, 44
Doenças crônicas 5, 7, 26, 27, 28, 30, 31
Drogas 5, 7, 45, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91

E

Enfermaria pediátrica 8, 79, 82, 84, 86, 87, 88
Escala Likert 61
Estudantes de nível superior 7, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54
Existencialismo 46, 47, 48, 54

F

Fatores humanos 69, 77
Fenomenologia 46, 47, 48, 55
Formação Moral 1

G

Gênero 7, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 55

H

Humanismo 5, 46, 47, 48

I

Immanuel Kant 5, 7, 1, 11

Internação Pediátrica 79, 80, 81, 82

J

Jean Paul Sartre 59

L

Laço afetivo 40

M

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon 90

Medo 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 85, 86

Meios de comunicação televisiva 32

Moralidade 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Música 7, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 43, 57, 59, 63, 85

Musicoterapia 13, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25

N

Natureza humana 1, 2, 5, 6, 10, 48, 50, 72

P

plataforma Survey Monkey 60, 61

Projeto Rondon 8, 90, 91

Psicologia 5, 12, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 54, 55, 56, 57, 72, 78, 79, 88, 89, 91

R

Relações interpessoais 79, 87, 90

S

Segurança do paciente 69, 70, 71, 73, 75, 77

Sentido da vida 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 56

Sexualidade 32, 35, 36, 43, 44, 62, 91

Socialização infantil 32

Sofrimento psíquico 45, 46, 50, 51

Steven Universo 32, 34, 35, 37, 38, 42, 43

T

Transformação social 5, 6, 91

Transtorno do espectro autista 12, 13, 24

V

Valor Moral 1, 2, 3, 6, 8, 9, 11

Vazio existencial 49, 50, 53, 57, 59, 60, 64, 66

Z

Zygmunt Bauman 5, 45, 47

